

Apresentação

O número 26 da Revista Gragoatá tem como objetivo promover a discussão em torno da metáfora, um tema que tem recebido atenção crescente, tanto nos estudos linguísticos quanto nos literários. Evidência desse interesse é o grande número de publicações e pesquisas na área, além da solidificação de eventos científicos, nacionais e internacionais (como o Congresso sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento- já em sua quarta edição- e o RaAM- *Researching and Applying Metaphor.*), voltados, especificamente, para a área da metáfora. Desde a sua inauguração, mais sistemática, na obra de Aristóteles, passando pelo papel das figuras de linguagem na retórica, e pelo que hoje é visto como uma “virada paradigmática” introduzida pela visão sociocognitiva da metáfora, o debate em torno dessa figura nunca foi tão profícuo. Os artigos aqui apresentados inserem-se nesse movimento, focando a metáfora sob diferentes perspectivas- linguística, filosófica e literária- contribuindo, assim, para o enriquecimento da reflexão sobre a metáfora e a figuratividade de um modo geral.

Heronides Moura e Mara Sophia Zanotto, no artigo *Investigando teórica e empiricamente a indeterminação da metáfora*, discutem de que forma a metáfora se comporta em relação a outros tipos de indeterminação, como a polissemia, a vagueza e a ambiguidade. Os autores acreditam que a indeterminação, no caso específico da metáfora, tem sido negligenciada por teóricos da figuratividade, uma vez que, segundo eles: “assume-se e valoriza-se a criatividade da metáfora, a sua capacidade de lançar um novo olhar sobre as coisas e as ideias, mas oblitera-se a sua ambiguidade e sua ambivalência”. Assim, a partir de uma investigação empírica, Moura e Zanotto argumentam que a indeterminação da metáfora a torna ainda mais interessante como ferramenta cognitiva, partindo da hipótese que estabelece uma correlação entre a indeterminação do sentido literal e a do sentido metafórico.

Em seu artigo *Metáfora cognição e cultura*, Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo, Emilia Maria Peixoto Farias e Paula Lenz Costa Lima discutem como as questões em torno do uso de certas expressões convencionais podem ser tratadas a partir de um modelo de mente corpórea, cuja estrutura seria moldada pela experiência do homem com seu próprio corpo e o mundo físico e cultural em que vive. Nessa perspectiva, as autoras defendem o estatuto da metáfora como um elemento de grande relevância, que pode iluminar as questões abordadas.

No texto *Construções gramaticais e metáfora*, Neusa Salim explora o papel da metáfora na configuração das redes de construções que tecem a gramática de uma língua. A partir de um viés sociocognitivo e construcionista, a autora discute alguns estudos de caso que têm como foco as construções superlativas do Português, detendo-se em uma construção especial: A Construção Superlativa Negativa de IPN. O eixo teórico do estudo se sustenta na perspectiva sociocognitiva da metáfora, como também nos Modelos de Uso da Gramática das Construções.

Tony Berber Sardinha, no texto intitulado *Questões metodológicas de análise de metáfora na perspectiva da linguística de corpus*, tem como objetivo mostrar algumas maneiras pelas quais a linguística de corpus se articula aos estudos da metáfora, representando, assim, uma nítida contribuição como instrumento analítico, com repercussões para a própria teoria. Alguns dos principais procedimentos usados para estudar metáforas em corpora eletrônicos são relatados, enfocando-se a metodologia de identificação de metáforas, um aspecto que requer abordagens metodológicas refinadas para que os estudos da metáfora possam ter uma base empírica cada vez mais sólida.

Dentro de uma vertente funcionalista, Maria Alice Tavares discute diferentes propostas encontradas na literatura acerca de casos de extensão metafórica e de extensão metonímica em processos de gramaticalização. O estudo, intitulado *Metáfora e metonímia em processos de gramaticalização: o caso do “aí” marcador de especificidade*, também se propõe a defender a possibilidade de ocorrência conjunta de ambos os tipos de processos de extensão de significado. Essa possibilidade é explorada com o caso de “aí”, que marca a especificidade em sintagmas nominais indefinidos.

Ricardo Leite, no artigo *Isotopia e metaforização textual*, trata do papel discursivo/textual da metáfora, que, segundo o autor, é, de certa forma, negligenciado nos estudos da figuratividade, devido a sua complexidade teórica e analítica. O fenômeno específico enfocado no artigo, a metaforização textual, é abordado através do estudo da isotopia, que é redefinida em termos discursivos, funcionando como um dispositivo capaz de revelar e reger a coexistência de dois ou mais planos de significação metafóricos no texto durante a interpretação.

Abrindo a série de artigos que abordam a metáfora no contexto da literatura, articulando-o à questão da linguagem e do sentido, Helena Martins explora “as provocações figurativas de Samuel Beckett” em torno de um objeto específico, ou seja, o chapéu. O foco da discussão é o empenho de Beckett em distanciar-se de todo tipo de linguagem figurada e, ao mesmo tempo, promover leituras figurativas. Segundo a autora, essas provocações figurativas propiciam uma reflexão em torno da relação entre as palavras e as coisas, e entre o literal e o meta-

fórico, revelando associações com o perspectivismo elaborado por Eduardo Viveiros de Castro.

O texto de Luiz Maffei trabalha com a presença do dinheiro na poesia e adverte que este é um problema radical: como enfrentar tema tão extrapoético? Segundo o autor, Jorge de Senna o enfrenta, e tal lida configura uma exploração bastante tensa da metáfora: ora a literalidade, ora os sentidos levados a altíssimos graus de ambivalência em dois dos poemas que trazem para si mais diretamente o tema do dinheiro: “Ode aos livros que não posso comprar” e “ ‘Tudo é tão caro!’ ”. No primeiro, fica mais clara a presença do pensamento marxista, muito influente no Jorge de Senna inicial. No segundo, de construção peculiarmente sofisticada, são notáveis alguns sutis intertextos com Camões, poeta que muitas vezes se presentifica ao fundo da lírica seniana.

Latuf Isaias Mucci utiliza como objeto de análise *The picture of Dorian Gray* (1891), de Oscar Wilde. O estudo aponta como originalidade dessa narrativa a trama da metáfora e o jogo da morte. Será a metáfora a morte do real? Será o real a morte da metáfora? Com esse postulado, em forma de quiasmo, analisa a tessitura do romance wildeano, em que a troca de lugares simbólicos entre o modelo e a pintura provoca uma tensão entre estética e ética. Ao fim e ao cabo, ficará a Arte, metáfora de um real, morto, mas sempre passível de transfiguração artística.

O artigo de Lavinia Silveiras Fiorussi trata das sátiras de John Donne com foco nas metáforas e nas agudezas que efetuam. Considerando o gênero das composições, também se detém nos critérios históricos que determinavam o decoro e a verossimilhança da sátira seiscentista, mostrando que a metáfora do tipo cômico-escabroso, obsceno ou lascivo é comum e adequada ao gênero. Na análise de alguns versos selecionados, procura-se exemplificar o uso sempre engenhoso e técnico que o poeta fazia do elenco de lugares de invenção já autorizados para a composição satírica, ao mesmo tempo imitando os satiristas latinos e variando agudamente a elocução e os conceitos.

Finalmente, o ensaio *A Metáfora morta-viva em Kafka*, de Olga Kempiska, consiste numa reflexão crítica sobre a “vitalidade” enquanto característica distintiva da linguagem literária e sobre a metáfora enquanto sua realização. Especificamente, *Na colônia penal*, Kafka mostra que a metáfora morta, aparentemente oposta à vitalidade da linguagem, pode se tornar um poderoso recurso da reflexão sobre a perversidade da nossa relação com a linguagem automatizada.

Lívia de Freitas Reis
Solange Coelho Vereza